

Dossiê

Diversidade cultural/
sexual e de gênero

tríade
comunicação, cultura e mídia

Corpos (não)representáveis e suas (in)existências pós- -periféricas

Josefina de Fátima Tranquilin-
-Silva

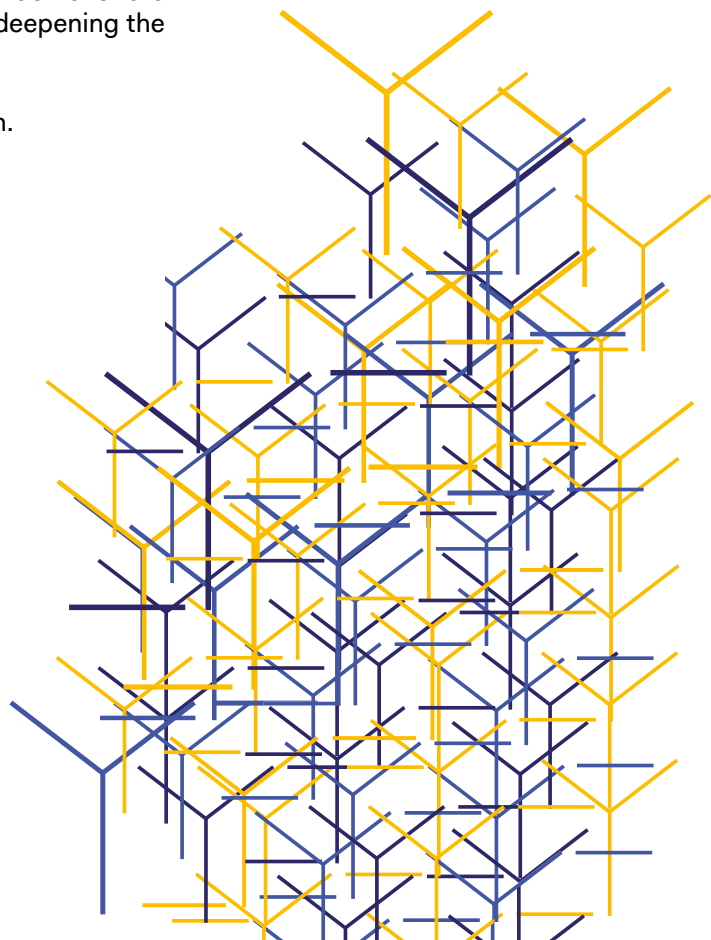
Universidade de Sorocaba – UNISO, Sorocaba, SP, Brasil.
Contato com o autor: tranquilinfina@gmail.com.

Resumo: Compreendendo que as relações de gênero também ocorrem a partir da movência entre a aceitação e aversão a determinados corpos presentes nas cartografias físicas e simbólicas das urbanias, afirmamos que as dimensões das diversidades de gênero necessitam ser investigadas, extrapolando os lugares e olhares comuns. Nesse sentido, as juventudes e as questões de gênero, nos contextos das urbanias, são os eixos desta análise que tem como lócus metodológico o show da cantora Linn da Quebrada e a apresentação de MC Paz, ambos parte do Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 e do 13º Congresso Mundos de Mulheres. A observação etnográfica nos espaços físicos do evento construiu a metodologia. A música e os corpos não representáveis das mulheres trans e das pessoas trans não binárias, em contextos pós-periféricos (ROCHA; SILVA; PEREIRA, 2015), tanto no show de Linn da Quebrada quanto na apresentação de MC Paz, na festa de encerramento, são ingredientes que demonstram representações diaspóricas, rompendo os limites territoriais e adensando a luta feminista.

Palavras-chave: Gênero. Corpo trans. Pós-periférico. Juventudes. Mulheres.

Abstract: (Non) Representable bodies and their post-peripheral (in) existences. Understanding that gender relations also occur from the movement between the acceptance and aversion to certain bodies present in the physical and symbolic cartographies of the urban areas, we affirm that the dimensions of the gender diversities need to be investigated, extrapolating the common places and views. In this sense, the youths and gender issues in urban contexts are the axes of this analysis, whose methodological locus is the show of the singer Linn da Quebrada and the presentation of MC Paz, both part of the International Seminar Making Gender 11 and of the 13th Women's Worlds Congress. The ethnographic observation in the physical spaces of the event constructed the methodology. Music and non-representable bodies of trans women and non-binary trans people in post-peripheral contexts (ROCHA; SILVA; PEREIRA; 2015), both in Linn da Quebrada's show and in MC Paz's presentation at the closing party, are ingredients that demonstrate diasporic representations breaking territorial boundaries and deepening the feminist struggle.

Keywords: Gender. Trans body. Post-peripheral. Youth. Women.



1. 'Elas' tomba, fecha, causa (Introdução)

O Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 - Transformações, Conexões, Deslocamentos e o 13º Congresso Mundos de Mulheres aconteceram simultaneamente no período de 30 de julho a 4 de agosto de 2017, na cidade de Florianópolis/SC. O Fazendo Gênero tem a Universidade Federal de Santa Catarina como seu local permanente e ocorre, geralmente, a cada dois anos. Seu primeiro encontro, em 1994, teve como temática Fazendo Gênero 1 - Seminário de Estudos sobre a Mulher. De lá para cá, as temáticas foram: Fazendo Gênero 2 - Um Encontro Interdisciplinar, em 1996; Fazendo Gênero 3 - Gênero e Saúde, em 1998; Fazendo Gênero 4 - Cultura, Política e Sexualidade no Século XXI, em 2000; Fazendo Gênero 5 - Feminismo Como Política, em 2002; Fazendo Gênero 6 - Saberes Globais/Fazer locais, em 2004; Fazendo Gênero 7 - Gênero e Preconceitos, em 2006; Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder, em 2008; Fazendo Gênero 9 - Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, em 2010 (GÊNERO, 2010); e Fazendo Gênero 10 - Desafios Atuais dos Feminismos, em 2013 (GÊNERO, 2013).

Este ano, 2017, simultaneamente, o 13º Congresso Mundos de Mulheres foi realizado pela primeira vez na América do Sul. Trata-se de um evento que reúne a cada três anos mulheres de todas as partes do mundo, tanto da academia como do ativismo. O encontro mobiliza setores do feminismo que vêm conquistando espaços nas últimas décadas, promovendo debates, releituras e autocríticas. A luta feminista é cotidiana, repleta de desafios e, segundo o site do evento, se atualiza nas discussões promovidas em cada encontro, nas trocas de experiências, propostas de ação e no aprofundamento de situações locais. Depois de passar por Israel, Holanda, Irlanda, Estados Unidos, Costa Rica, Austrália, Noruega, Uganda, Coreia, Espanha, Canadá e Índia, foi a vez do Brasil sediar o Women's Worlds Congress. O próximo Mundos de Mulheres será em Maputo, em Moçambique. A temática que norteou o 13º encontro foi Transformações, Conexões, Deslocamentos e, assim, pretendeu-se alargar esse lugar de diálogo para uma perspectiva mundial, afastada da hierarquia Norte-Sul, ou seja, um espaço onde se pudesse ouvir outras vozes, novas propostas, valorizar saberes, ampliar horizontes de estudo e de ativismo. Desse modo, ali foi um ambiente para pensar e propor perspectivas inclusivas para os estudos feministas e possibilidades de sua construção.

Se o Fazendo Gênero já possui uma grande estrutura, ao se juntar ao Congresso Mundos de Mulheres, se tornou de ampla magnitude. Nessa ocasião, ocorreram dois momentos que considero de força política para além do cultural: o show da rapper Linn da Quebrada (em 2 de agosto, às 22h) e a festa de encerramento (em 4 de agosto, das 22h às 5h, na Casa de Noca). A tessitura deste artigo se dá sobre ambos os momentos.

O Fazendo Gênero, por si só, pode ser considerado um espaço adequado para efetivar pesquisas acadêmicas, pois é um dos poucos eventos feministas, organizados por uma universidade brasileira, por um longo período de tempo: 18 anos e 11 encontros. Unindo-se ao 13º Congresso Mundos de Mulheres, se torna ainda mais promissor.

Para além da grandiosidade do evento, alguns dados de pesquisa sobre a violência contra as mulheres e os homicídios da população LGBT, assim como a percepção do avanço dos conservadores contra a diversidade de gênero, justificam esta análise: no tocante à violência contra as mulheres, o Instituto de Pesquisa Data Folha mostra que:

22% das brasileiras sofreram ofensa verbal no ano passado [2016], um total de 12 milhões de mulheres. Além disso, 10% das mulheres sofreram ameaça de violência física, 8% sofreram ofensa sexual, 4% receberam ameaça com faca ou arma de fogo. E ainda: 3% ou 1,4 milhões de mulheres sofreram espancamento ou tentativa de estrangulamento e 1% levou pelo menos um tiro (SANTOS, 2017).

Em relação aos homicídios da população LGBT, os dados da Rede TransBrasil e do Grupo Gay da Bahia (GGB) mostram que, em 2016, o Brasil foi o país que mais assassinou LGBTs no mundo (GALILEU, 2017). “O ano de 2016 havia batido recorde com 343 mortes, entre janeiro e dezembro, ou seja, a cada 25 horas um LGBT foi assassinado”, sendo 28,5 mortes por mês (NÓS2, 2017). O que já era um número assustador mostrou-se ainda pior no cenário de 2017. “O último relatório do Grupo Gay da Bahia (GGB), que registra os casos de homofobia e transfobia no país, teve um aumento significativo. Foram 277 homicídios, de janeiro até o dia 20 de setembro” (NÓS2, 2017), ou seja, 30 pessoas LGBTs morrem por mês. Outros dados da GGB colocam o Brasil como “o país que mais mata travestis e transexuais no mundo. Em 2016, foram 127, um a cada 3 dias. A expectativa de vida [...] é de 35 anos, menos da metade da média nacional, que é de 75 anos” (PROFISSÃO REPÓRTER, 2017). Por fim, Vieira (2017) nos apresenta o avanço dos conservadores contra a diversidade de gênero:

O mês de setembro [2017] ficará marcado, no Brasil, como o mês do avanço das fileiras conservadoras e proto-fascistas, o avanço contra a diversidade. Censura a uma exposição, censura judicial à peça “O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu” e, por último, a autorização judicial, concedida em Brasília, para que psicólogos realizem terapias de reversão sexual. Segundo o juiz federal Waldemar Cláudio de Carvalho, sua decisão estaria apenas garantindo uma leitura constitucional à norma do Conselho Federal de Psicologia, permitindo aos que desejarem “tratamento para a questão homossexual”.

Em todos os espaços do Fazendo Gênero e, principalmente, nas tendas do Mundos de Mulheres, não havia como esquecer as violências, discriminações, preconceitos que nós, mulheres – cis ou trans, binárias ou não binárias, hetero, bi ou homo –, sofremos, cotidianamente, no Brasil. Portanto, viver tais experiências e transformá-las em objeto de estudo, para esta pesquisadora, é também me mover em direção à luta feminista.

Estar presente ali, durante seis dias, proporcionou a oportunidade de recolher um vasto material a ser analisado. Como antropóloga e por muitos anos exercendo o olhar de pesquisadora, o evento tornou-se objeto/sujeito de estudo: com caderno de campo e câmera fotográfica (do celular) em mãos, foi possível observar e registrar, de forma sistemática, as vivências performatizadas para, a partir de então, elaborar um banco de dados. A partir dele,

selecionei dois momentos para análise: o show de Linn da Quebrada e a festa de encerramento do evento, na pessoa de MC Paz¹.

2. Juventudes que lacram: dores e afetos compartilhados

Durante os seis dias, foi facilmente perceptível que grande parte dos sujeitos ali eram jovens. Nenhuma novidade até aí, pois se tratava de um acontecimento acadêmico e ativista em uma universidade, local determinantemente das juventudes. Porém, como ocorre em poucos eventos coordenados por professores doutores e pós-doutores – adultos –, as juventudes estavam lá não somente como observadoras e autoras de análises acadêmicas, como usualmente acontece, mas, principalmente, como autoras de performances, de afetos e de lutas.

Espaço aquele onde as juventudes puderam desestabilizar os papéis e expressões de gênero, e mostrar suas identidades de gênero e orientações sexuais: jovens meninas de mão dadas, se beijando; algumas jovens mulheres trans, não hormonizadas, faziam suas performances ativistas e eram aplaudidas e acolhidas; jovens negras e indígenas demonstrando suas religiosidades, seus artesanatos, suas músicas, suas lutas por inclusão social. Quase em todos os espaços havia compartilhamentos de angústias, porém, as dores daquelas que narravam sua exclusão por etnias, gêneros, classes sociais, deficiências físicas, orientações sexuais e identidades de gênero se transformavam em afetos: ingrediente fundamental para as lutas juvenis e feministas.

Tranquilin-Silva (2017, p. 30-31), esmiuçando o conceito de urbanias de Martín-Barbero (2008a) demonstra o que são as experiências cotidianas na contemporaneidade:

Vivemos nas “urbanias”, os “novos modos de estar juntos, [vistos nas] massas, tribos, bandos, gangues, guetos, comunitarismos étnicos, religiosos, de gênero, etc.”. Para o autor, nestas urbanias estão presentes as “trajetórias e os entrecruzamentos”, vistos por meio dos “migrantes, deslocados, exilados, estrangeiros, párias, e também índios, negros, turcos, judeus, mulheres, gays, homossexuais, prostitutas, travestis, vagabundos, lumpen, etc.”, que estão inscritos em “palimpsestos” e “hipertextos” observáveis nos “muralismos diversos, ‘rockerias’ múltiplas, esoterismos, ‘santerias’, orientalismos, ‘rapperias’ performances, etc.”. E assim constroem-se as “cidadanias”, a partir das “heterogeneidades”, “o projeto de ‘formar a cidade’ com memórias locais e utopias universais”. Essas cidadanias são “reinvenções”, pois “o projeto de ‘fazer política’ passa pelo movimento que leva da representação ao reconhecimento passando pela participação e a autogestão” e possuem “intermediabilidade”, “o projeto de ‘recriar a cidade’ com oralidades indígenas, corporalidades negras, textualidades eruditas e visualidades digitais”.

Nesses contextos, nos quais as cidadanias são reinventadas, há que se considerar até que ponto a aceitação da estética da metrópole contemporânea, também, equivale à aceitação das estéticas dos corpos que subvertem as normas culturais, sociais, imaginárias, científicas. Há corpos que possuem irredimíveis essências nas tramas habituais. Assim, “os imaginários

1 Vale ressaltar que MC Paz se autocalifica como pessoa não binária, dessa forma, os artigos a ou o terão seus usos evitados, sempre que me referir à pessoa de Paz.

aparecem [então] como uma estratégia [...] para dar conta dos processos urbanizadores que não são só manifestações de uma cidade, mas também, do mundo que a urbaniza” (SILVA, 2001, p. 8).

No âmbito das urbanias, as juventudes com suas práticas de consumo culturais, problematizando o caráter político e comunicacional, conseguem outras formas de sociabilidades, socialidades e subjetividades. Destarte, protagonizam o contemporâneo. “Para além de ser um momento de transição, a juventude é a reunião de complexidades marcantes. Ela não é passagem” (PRATA, 2008, p. 222). Ela não é o futuro. Ela é o presente. Para Martín-Barbero (2008a, p. 13), “[e]stamos [...] diante da juventude, cujas sensibilidades respondem, não só, mas basicamente, às alternativas de sociabilidade que permeiam tanto as atitudes políticas quanto as pautas morais, práticas culturais e gostos estéticos”. As urbanias e as contemporaneidades não se fazem sem as juventudes:

A metrópole é suporte por meio do qual se faz circular uma miríade de linguagens juvenis. Em contrapartida, ela também se inscreve nos corpos dos jovens homens e jovens mulheres, conformando o modo como andam, vestem-se, expressam-se, amam-se e colocam-se a sonhar. Escritores da urbanidade são por ela também escritos, em uma por muitas vezes tensionada relação de intercâmbio e negociações de sentidos. [...]. É também por uma forte ocupação das mídias digitais que, hoje, no Brasil, veiculam-se e articulam-se inúmeras manifestações culturais juvenis (BORELLI; ROCHA, 2008, p. 29).

Posto isso, apresenta-se uma análise das juventudes presentes no evento Fazendo Gênero 11 e no 13º Mundos de Mulheres como sujeitos que, como quaisquer outros, estão na mira das estratégias do poder (CERTEAU, 1994). Porém, veremos que as astúcias juvenis são grandes e, por meio de táticas (CERTEAU, 1994), resistem, não somente ao poder, mas à vida que lhes querem roubar.

3. A bixa estranha e a marika sudaka sobem ao palco

As urbanias e as culturas juvenis devem sempre ser equacionadas às culturas midiáticas para, então, conseguirmos compreender vivências como as que aqui são analisadas. Estas são também experiências contemporâneas que constroem e desconstroem jeitos de ser e de viver das juventudes, que, por sua vez, articulam práticas de consumo culturais e estéticas.

As juventudes aglomeram-se à porta do teatro da UFSC em uma longa fila: são jovens mulheres, brancas, certamente de classe média. Meninas negras e indígenas, em número reduzido. Porém, todas e todos têm uma causa em comum: a luta contra a opressão do feminino.

A espera para ver/ouvir/sentir Linn da Quebrada baseia-se na ansiedade. De repente, ouvem-se os gritos das juventudes: “abre, abre, abre” e, poucos minutos depois, as portas do teatro da UFSC se abrem e todos adentram para o tão esperado show. Cortina vermelha fechada. Linn, na coxia, percebe o movimento e grita: “Tem bixa aí?”, ao que as juventudes respondem: “Teeeeem”. Ela replica: “Vamos enviadescer?”, e vem a tréplica aos gritos: “Vamoooooss”. E,

assim, Linn da Quebrada entra radiante.

Bixa, trans, preta e periférica. Eis como Linn da Quebrada se apresenta em seu site e em sua página do Facebook. Foi assim também que ela se apresentou no show de encerramento do Fazendo Gênero 11 e 13º Congresso Mundos de Mulheres. Haviam se passado quase duas horas de show e performance, quando, ao final, sete ou oito pessoas trans subiram ao palco, a pedido de Linn. Ela explica que sempre faz isso em suas apresentações, pois não se faz sozinha: as bixas trans estão todas nela.

“Artista, performer, cantora, compositora, dançarina e atriz. [...] Linn da Quebrada é um corpo em constante transformação e movimento. [...]. Linn segue rodando o país com suas músicas sobre empoderamento e questões do universo TLGB” (LINN da QUEBRADA, 2017c). Linn destaca-se como cantora e performer a partir das redes digitais. Foi no YouTube que, no ano passado, 2016, lançou os singles Talento e Enviadescer, e, em 2017, Bixa Preta e Bomba pra Caralho.

Quando participou do programa Amor & Sexo, da Rede Globo, recebeu críticas negativas. Sobre elas, diz:

Aquela apresentação foi útil e interessante pra ver o alcance da televisão. Eu nunca fiz as coisas para agradar. Eu tenho feito e faço o que eu faço pra salvar minha própria vida, pra me encontrar com outras trans como eu, pra fazer perguntas, não necessariamente pra obter respostas, nem aplausos. Eu já esperava que houvesse uma outra resposta a partir disso. É isso que movimenta o meu trabalho, meu trabalho é trânsito, movimento, ele não é fixo, nem estático, ele é esse diálogo com todos. Eu tenho aprendido a lidar com esse jogo e a entender que posição eu estou nesse tabuleiro, com as pessoas que estão comigo, onde estão posicionadas e quais são as consequências e os efeitos da nossa ação (LINN da QUEBRADA, 2017b).

Casa de Noca. Festa de encerramento do evento. Novamente as mesmas juventudes invadem o espaço. Três atrações são apresentadas e uma DJ comanda a festa: a banda Cores de Aidê, composta por mulheres majoritariamente negras, que tocam seus tambores, cantam e dançam ritmos afros e o reggae; Transvyadaji, performance trans, com Renna Costa, Helen Maria e Vulcânica Pokaropa, fazendo “performance artística [...]. Performance degenerada cantada bamboleada antimacho heteronormativo >terrorixta de gênero<, okupando territórios mandando papo reto sem cuspe nem massagem, tomando de assalto” (TRANSVYADAJI, 2017); e MC Paz, rapper, performer, ativista e DJ de origem Patagônica Mapuche. “PAZ não é uma definição, mas a desconstrução; não é realidade binária, mas a pluralização; tampouco é a certeza estética [...]” (CORES, 2017a). Para manter a animação da festa o tempo todo, a DJ Lê Bafão: “Bafão nasce de um pote de glitter. Aparece no mundo interessada na potência dos corpos em dança ao som das vozes e batuques que precisam ressoar com muita latinidade-tecno-translesbixa” (CORES, 2017b). Dessas atrações, selecionamos para análise MC Paz.

Paz nasceu no bairro El Santa, periferia do alto vale Rio Negro, na Patagônia. “Uma vida como marika de bairro, latina, ameríndia, mestiça de índios Mapuches e de classe econômica baixa [...] vida carregada de histórias que se registram no meu corpo e que levo para

compartilhar através de minhas rimas e prosas” (PAZ, 2017b). Seus trabalhos artísticos foram realizados no teatro, na dança e na música. Fez uma longa viagem ao Brasil e aqui começou a escrever suas rimas. Está trabalhando em seu disco, Patagônia Emergente, desde 2013, com renda de financiamento colaborativo (PAZ, 2017b) e, no site usado para angariação de fundos, explica: “Patagônia Emergente vem pra dar voz a questões que para mim precisam ser expostas e discutidas” (PAZ, 2017a). A linguagem que Paz encontrou para isso foi a música

Emergir a existência da Patagônia como um lugar esquecido [...], emergir a nossa existência como pessoas dissidentes, trans-marikas muitas vezes marginalizadas e silenciadas [...] nossas identidades não binárias, nossa cultura de bairro com descendência de indígenas sudamericanos [...] Emergir a possibilidade de uma economia solidária, colaborativa, autônoma e auto-sustentável (PAZ, 2017a).

Paz fala ao site Noisey (MOURA, 2016) sobre seu single Emergentes, primeira faixa do disco Patagônia Emergente, que será lançado em 2017:

Essa música nasceu como uma forma de expressar as situações que vivenciei no meu mochilão pelo sul da América Latina sendo bicha”, explicou o argentino de 28 anos, que hoje mora no Brasil. “Além de funk e reggaeton, ‘Emergente’ traz também o ritmo da cumbia, estilo musical da periferia da Patagônia que escuto desde criança, e fala sobre o meu gênero e a obrigação de eu ter que me ver como homem ou mulher, sendo que me sinto mais livre sendo uma pessoa não-binária, como uma ‘marika’”, explicou. “É a realidade de uma bicha suburbana patagônica sudaka.

4. Música e corpos pós-periféricos: senta e observa a tua destruição

Estar no show de Linn da Quebrada e na festa de encerramento foi experienciar uma espécie de choque perceptivo, aquele que se aproxima do choque benjaminiano (BENJAMIN, 1994). Teixeira (2013), analisando o teatro de Brecht, diz que “Benjamin relaciona o conceito de interrupção ao da vivência do choque (Schockerlebnis), através das noções de montagem no cinema e de estranhamento no teatro, como meios técnicos artísticos de invenção de novas formas de narrar”. Para além da montagem e dos meios técnicos artísticos, os eventos aqui analisados têm o estranhamento teatral, performativo, dos corpos de artistas trans em movimentos despudorados. Diz Linn da Quebrada (2017b): “Minha experiência com o teatro [...] contribui bastante [...] Ser artista para mim tem a ver com criar sobre minha própria existência, criar sobre o meu corpo”. Esses corpos e as músicas performatizavam outras maneiras de narrar as vivências, que se tornam experiências (BENJAMIN, 1994). É isso que Linn e MC Paz – trans, binárias ou não – fazem.

Como narradoras de modos de existir nas urbanias, elas retiram de suas experiências como pessoas trans e periféricas, e das experiências do outro, aquilo que cantam em suas músicas e performatizam em e com seus corpos. Essas experiências levam a uma possibilidade de ruptura negociada com o poder, tanto por Linn e Paz quanto pelas juventudes que com elas compartilham gostos, desejos, sentimentos, subjetividades.

Basta observar as visualizações e comentários nos vídeos de Linn, em seu canal oficial no YouTube, para termos a certeza que sua música é consumida tanto pelas juventudes das periferias quanto pelas de outros espaços das metrópoles. E elas estavam no show, que não era circunscrito aos participantes do Fazendo Gênero, pois os ingressos estavam à venda ao público.

Interessante refletir sobre tal show – de uma bixa, preta e trans – ocorrer em um teatro de uma universidade federal, local com um design que praticamente bloqueia o movimento dos corpos e das falas, privilegiando os olhares e acentuadamente as escutas. No show, a ordem foi revertida em uma esperada desordem: muitos foram para a frente do palco, desestabilizando a ordem de entrada ao teatro; outros tantos, em pé, em frente das confortáveis cadeiras para os acadêmicos. As vozes do lado de cá se misturavam a de Linn e dos integrantes de sua banda, do lado de lá. Bixa era o elogio que as juventudes gritavam toda vez que se emocionavam com as letras e com as performances apresentadas no palco.

As juventudes que ali estavam têm a prática em consumir não somente as músicas de Linn da Quebrada, mas tudo o que ela significa: são as juventudes não somente consumindo música advinda da periferia, mas aquela que é cantada e performatizada por uma travesti, que sabe da importância que a música tem para si, para as vidas e corpos periféricos e, sabe também, que é fundamental para a vida das juventudes que não fazem parte dessa cartografia física periférica. Linn é pura resistência e (re)existência. Em entrevista à cantora Elsa Soares, na revista Serafina, ela diz:

Atualmente tenho entendido o espaço que eu ocupo na música. Tenho entendido as várias possibilidades e funções que a música pode ter. É através disso que compreendo que, no que faço, eu não sou a parte essencial. Sou canal, mas o que realmente importa é o que digo através da minha música e o elo que crio através dela e com quem (LINN da QUEBRADA, 2017a).

Na festa de encerramento, as juventudes se deliciaram com MC Paz: rimas de rap e funk – com ingredientes apropriados das músicas indígenas da Patagônia – e de sua performance, claramente colocada em seu corpo não binário: corpo em ato político. Diferentemente do teatro da UFSC, a Casa de Noca é um espaço para a subversão dos valores conservadores. Assim, as juventudes mais uma vez ganharam destaque e lugares de fala, em um evento acadêmico, de ativismo feminista, que transformou as apresentações culturais, nome dado pela organização do Simpósio, em politicidades (ROCHA, 2012; RAMIRES; OLIVEIRA, 2015; TRANQUILIN-SILVA, 2016).

Como já salientamos em pesquisas anteriores (TRANQUILIN-SILVA, 2015; ROCHA; TRANQUILIN-SILVA, 2016; TRANQUILIN-SILVA, 2017), as juventudes contemporâneas constroem suas subjetividades nas fronteiras entre a virtualidade e a presencialidade: são nos espaços digitais que Linn e Paz despontam e ganham seus públicos, pois nas redes digitais encontramos um alicerce imaginário para que os jovens possam realmente se construir, e, nos espaços de presencialidades – como no show e na festa –, elas se expandem fisicamente.

Para Martín-Barbero (1999, p. 72), “os jovens estão expressando a emergência de outras culturas, de outra sensibilidade. Sabem o que significa a música? A música é o idioma em que se expressa a juventude de hoje. Isto é novo, [é novo que] a juventude deseje expressar-se através da música”. A música para essas juventudes, sejam pelas escutas ou como letristas das canções, é expressão de vida, de afetos, de vínculos, de reivindicações, de lutas, de ativismos. Nesse sentido, não somente a música, mas também os espaços digitais por onde as músicas de Linn e Paz circulam de forma primeira são idiomas de expressividade das juventudes. O que está em circulação não são apenas as músicas, mas imaginários não delimitados pelas cartografias físicas das urbanias. Para Rocha, Silva e Pereira (2015, p. 100):

Imaginários diaspóricos são postos em circulação, dinamizando processos pós-periféricos, com dinâmicas bottom-up de significação – de si, dos outros, do mundo em que se vive. Escapa-se de noções de territorialidades delimitadas, atentando-se para as mesclas próprias aos contextos juvenis, urbanos e tecnológicos. A existência de um lugar tecnológico reticular e colonizado por narrativas autobiográficas contribui para acentuar e reconfigurar este trânsito. Isso nos permite até mesmo localizar o caráter fortemente discursivo dessas expressões diaspóricas e polifônicas que implodem o núcleo de algumas centralidades hegemônicas.

No teatro da UFSC e na Casa de Noca, tais imaginários diaspóricos estavam em circulação. Neles, os corpos trans foram ingredientes: pessoas trans, binárias e não binárias invadiram os palcos, com seus corpos considerados repulsivos. Corpos que, performatizados e escancarados nas letras dos funks e dos raps, provocam, muitas vezes – aos conservadores –, aversão ao outro. Aversão que leva à expulsão, como se fossem excrementos. Corpos que se transformam em abjetos e que, por isso, são repudiados (TRANQUILIN-SILVA, 2017). “A alteridade física é sempre monstruosa” (LEITE JÚNIOR, 2008, p. 60). Mas, não naqueles espaços! No show e na festa, as bixas, pretas, trans que subiram ao palco mostraram seus corpos em gestos que, para muitos, poderiam ser considerados obscenos; na festa, para além do ativismo trans de Paz, algumas meninas cis tiraram suas camisetas e exibiram seus seios. Afetadas pela desconstrução dos papéis e expressão de gênero que eram performatizados no palco, libertaram os corpos femininos e emanaram afetos às alteridades. Os corpos apreciados, sentidos, experienciados no palco são corpos pertencentes a um imaginário diaspórico e, como a música, também dinamizam processos pós-periféricos.

Lembrando que, para Deleuze (1992), todos nós, de uma maneira ou de outra, somos tomados por um devir minoritário e, portanto, ser minoria é estar sempre em processo criativo para escapar das delimitações da existência, aquela promulgada pelo poder para que sejamos sempre maioria, Linn e Paz são representações de um devir minoritário: devir-pós-periférico-mulher-pessoa-trans-binária ou não

Nessa perspectiva, pensar um devir periférico é dar passagem àquilo que em nós se constitui como um modo de ser periferia. Ativá-lo no sentido de alentar forças que, na porosidade do capital, o façam se abater e criar canais de invenção de novos campos de referência. Trata-se de ampliar artifícios de resistência, dando movimento

e fazendo proliferar (LACAZ; LIMA; COELHO, 2017, p. 61).

Portanto, naqueles espaços, tais corpos não eram excrementos, mas depositários de afetações, as quais levam ao agir, assim como ao devir deleuziano.

Conforme Guattari e Rolnik (2005, p. 88), existem “processos de marginalização” que perfuram toda a estrutura social e cultural e levam, por um lado, a uma “visão de miséria, de desespero e de abandono à fatalidade” dos indivíduos das periferias. Por outro, esses mesmos indivíduos formam “polos de resistência, [...] potencialidades de processos de transformação [...]”. Linn da Quebrada e MC Paz, além de serem sujeitos de resistências, constroem polos de resistência negociáveis com o poder, os quais são potentes nos processos de transformação.

Estampando um claro desenho de luta ao universo de consumo daquelas juventudes, pertencentes às cartografias físicas não periféricas, Linn e Paz movimentam afetos não somente pelo gênero musical, mas também pelos corpos despudorados. A música, unida a corpos não estáveis, aciona os imaginários de juventudes que militam, lutam e são ativistas do feminismo – e, provavelmente, de tantos outros ativismos.

A música e os corpos dão visibilidade aos seus protagonistas e, principalmente, a toda uma representação de bixas, pretas, travestis, trans-maricas, daquele universo periférico, rompendo os limites das cartografias físicas e simbólicas: “A afirmação do eu em estilos próprios e marcadamente distintivos é a principal emergência desse tipo de atitude, que pode ser encontrada em muitos jovens dessa que hoje é uma pós-periferia” (ROCHA; SILVA; PEREIRA, 2015, p. 105).

Quando Linn, em seu show, declara às meninas trans “eu sou todas vocês”, e quando Paz explica sua música dizendo “emergir a nossa existência como pessoas dissidentes, trans-marikas” (PAZ, 2017a), percebemos subjetividades e cotidianos compartilhados que, obviamente, só existem a partir do outro. É dessa forma que Linn e Paz se constituem como seres no mundo. Muitos olhares são depositados a esses corpos despudorados: objetivação, hipersexualização, pornosexualização. Mas, o fundamental é perceber – apesar dos moralismos, inclusive acadêmicos – que esses corpos se apresentam como força de resistência, de (re)existência.

Leite Júnior (2008, p. 15), explanando sobre o percurso de pesquisador para realizar seu doutorado, diz:

[...] descobri que definições únicas sobre corpos e identidades sexuais e seus limites entre masculinidade e feminilidade nunca existiram, variando conforme os grupos e os discursos (médicos, religiosos, políticos) mesmo dentro de uma época específica. Historicamente construídas, essas concepções são, no entanto, naturalizadas e vivenciadas como se assim o fossem. Muitas vezes, ouvi de pessoas as mesmas falas que encontrei em textos médicos do início do século XX, em especial no que diz respeito a uma “essência” humana (seja o que for, em cada caso, considerado como “essência”).

Portanto, tais corpos em ondulares trajetos acabam por demonstrar que os gêneros são realmente performativos (BUTLER, 2015).

5. Este show chegou ao fim (Considerações finais)

Olhar analiticamente para os espaços de realização do Simpósio Internacional Fazendo Gênero 11 e o 13º Congresso Mundos de Mulheres é, inevitavelmente, perceber múltiplos acontecimentos, mas é, principalmente, verificar o quanto as manifestações culturais são políticas e as manifestações políticas são culturais. Algumas aconteceram com atores e atrizes profissionais, porém a maioria era com jovens mulheres – e alguns jovens meninos – ativistas. A todo momento, fora da tenda das mulheres e das salas de aula, acontecia uma apresentação cultural-política. Eram as performances das jovens mulheres para demonstrar as suas lutas feministas. Em uma específica, algumas delas, vestindo saias, fizeram uma roda e recitaram pequenos trechos de notícias publicadas nos veículos de comunicação sobre feminicídios e, ao concluir a fala, diziam o nome da mulher violentada e morta. Nunca houve possibilidade de dicotomizar essas duas instâncias de vivências, cultura e política. E, nesse evento, seria mesmo impossível.

Em todos os lugares do Simpósio, tal como nas manifestações artísticas e culturais – assim denominadas pela organização – aqui analisadas (show de Linn da Quebrada e performance de MC Paz, na festa de encerramento), observo que as diversidades dos corpos e de gêneros estiveram postas e aceitas. No show e na festa, os elementos de mediação para a aceitação foram a música e o corpo em performance.

Como já fizemos em artigos anteriores, não há possibilidade de não recorrer à Rocha (2012), quando se utiliza da concepção spinoziana de afecção, para dar sentido ao que fazem essas juventudes. Quando somos afetados, podemos aumentar ou diminuir nossa potência de agir. “O que nos faz aumentar essa potência, segundo o filósofo, é a ética” (SPINOZA, 2008 apud ROCHA, 2012, p. 130). Assim sendo, tanto o show quanto a festa de encerramento fundaram espaços de subjetividades, sociabilidades, socialidades juvenis, os quais são importantes para a continuidade das demandas e das lutas feministas. Eis a ética! Eis a potência de agir!

A música e os corpos trans, tanto de Linn da Quebrada quanto de MC Paz, aglutinados aos das juventudes que naquele espaço se fizeram presentes, são potência de agir: edificam resistências e (re)existências, sempre negociadas e agenciadas com as hegemonias, as quais são pungentes nos processos de transformação. São contextos pós-periféricos, representações de diásporas, rompendo os limites territoriais físicos e simbólicos. Os afetos e suas partilhas possibilitam encontros, germinam e colorem a ideia de pertencimento a um local de fronteira, explodem territórios e permitem edificações de projetos comuns frente à violência dos corpos e imaginários de mulheres cis, transgêneras, hetero, bi, homossexuais, binárias, não binárias, negras, indígenas, brancas, pobres, ricas, e tantas outras diante de um sistema que se esforça para transformar a todos em maioria: hetero/macho/rico/adulto/normativo e suas convenções experienciadas nas contemporaneidades.

Referências

- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BORELLI, S. H. S.; ROCHA, R. de M. Juventudes, mídiatizações e nomadismos: a cidade como arena. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 5, n. 13. p 27-40, julho, 2008.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CORES de Aidê, PAZ, Transvyadaji - Casa de Noca. **Guia Floripa**. Florianópolis, 2017a. Disponível em: <<http://www.guiafloripa.com.br/agenda/festas-e-baladas/cores-de-aide-paz-transvyadaji-casa-de-noca.php>>. Acesso em: 23 set. 2017.
- CORES de Aidê, PAZ, Transvyadaji - Encerramento Fazendo Gênero. **Evento divulgado no Facebook**. [S.l.], 2017b. Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/455190591528659/>>. Acesso em: 23 set. 2017.
- DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- GALILEU. Brasil ainda é o país que mais assassina LGBTs no mundo. **Galileu online**, 2017. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2017/05/brasil-ainda-e-o-pais-que-mais-assassina-lgbts-no-mundo.html>>. Acesso em: 17 set. 2017.
- GÊNERO, F. **Dezoito anos de Fazendo Gênero um pouco de história**, 2010. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=581. Acesso em: 16 set. 2017.
- GÊNERO, F. **Fazendo Gênero 10**: Desafios atuais dos feminismos, 2013. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/>. Acesso em: 16 set. 2017.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- LACAZ, A. S.; LIMA, S. M.; COELHO, A. L. Juventudes periféricas: arte e resistências no contemporâneo. **Psicologia & Sociedade**. Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 58-67. s/m, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v27n1/1807-0310-psoc-27-01-00058.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2017.
- LEITE JR., Jorge. **Nossos corpos também mudam**: sexo, gênero e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico, 233 p.. Tese Doutorado. PPGCSO/PUCSP, 2008. Disponível em <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/3992#preview-link0>>. Acesso em: 05 set. 2017.
- LINN da QUEBRADA. A música é responsabilidade social”, diz Linn da Quebrada, “bicha e preta”. **Serafina**, 8 ago. 2017a. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/serafi>

na/2017/09/1908172-a-musica-e-responsabilidade-social-diz-linn-da-quebrada-bicha-preta-e-periferica.shtml>. Acesso em 29 set. 2017. Entrevista.

LINN da QUEBRADA. Ficou insustentável fingir que nós não existimos. **Revista Cult**, 8 ago. 2017b. Disponível em: < <https://revistacult.uol.com.br/home/entrevista-linn-da-quebrada> >. Acesso em: 29 set. 2017. Entrevistador.

LINN da QUEBRADA. Release sobre Linn da Quebrada. **Site oficial Linn da Quebrada**, 2017c. Disponível em: < <https://www.linndaquebrada.com/release>>. Acesso em: 22 set. 2017.

MARTÍN-BARBERO, J. Sujeito, comunicação e cultura. **Comunicação e Educação**. São Paulo. s/v, n. 15, p. 62-80, maio a agosto, 1999.

MARTÍN-BARBERO, J. As novas sensibilidades: entre urbanias e cidadanias. **Matrizes**, São Paulo. s/v, n 2, p. 207-215, abril, 2008a. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38201/40951>>. Acesso em: 23 set. 2017.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. Prefácio. In: BORELLI, Silvia, H. S.; FREIRE FILHO, João [orgs.]. **Culturas Juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008b.

MOURA, B. Conheça MC Paz, o(a) argentino(a) que transforma a música da Patagônia em funk queer. **Noisey**, 2016. Disponível em: < https://noisey.vice.com/pt_br/article/yvwd8y/mc-paz-emergente-single >. Acesso em: 29 set. 2017.

NOS2. Brasil chega a números assustadores em mortes de LGBTs em 2017. **NOS2**, 26 set. 2017. Disponível em: < <http://www.nos2.co/2017/09/homofobia-no-brasil-chega-a-numeros-assustadores-em-mortes-de-lgbts-em-2017> >. Acesso em: 26 set. 2017.

PAZ. Primeiro álbum de PAZ. **Ideame**, 2017a. Disponível em: <<https://www.idea.me/projetos/54426/primeiro-album-de-paz?siteLang=pt>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

PAZ. Financiamento colaborativo Patagonia Emergente. **Youtube**, 2017b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i_BTv38EFHY>. Acesso em: 29 set. 2017.

PRATA, P. Dilatada, Reconfigurada, Contemporânea: juventude e pirataria como exercício de cidadania cultural. **Contemporânea**: UERJ, edição especial, v. 6, n. 3, p. 222-243, s/m, 2008. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/17256>>. Acesso em: 27 set. 2017.

PROFISSÃO REPORTER. Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo, diz pesquisa. **G1**, 26 abr. 2017. Disponível em: < <http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2017/04/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-travestis-e-transexuais-no-mundo-diz-pesquisa.html> >. Acesso em: 29 set. 2017.

RAMIREZ, L. G.; OLIVEIRA, R. de C. A.. Movimientos juveniles y usos de las tecnologías digitales em America Latina. In: RODRÍGUEZ, Ernesto [et al.]. **Juventudes Latinoamericanas: prácticas socioculturales, políticas y políticas públicas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2015. E-Book.- (Grupos de trabajo de CLACSO / Atilio Alberto Boron). Disponível em: < <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20150522115424/juventudes.pdf>>. Acesso em:

05 ago. 2017.

ROCHA, R. de M.; TRANQUILIN-SILVA, J. de F. Alteridade de gênero e deslocamentos de sentido como práticas feministas em rede: observações sobre a página “Moça, você é machista”. **Contracampo**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 02, p. 33-51, ago/nov., 2016. Disponível em: < <http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/view/934/pdf>>.

ROCHA, R. L. de M. Corpos significantes na metrópole discursiva. **Significação**, São Paulo: USP, v. 37, n. 39, p. 126-146, s/m, 2012.

ROCHA, R. M.; SILVA, J. C.; PEREIRA, S., L. Imaginários de uma outra diáspora: consumo, urbanidade e acontecimentos pós-periféricos. **Galaxia**: PUC, (Online), n. 30, p. 99-111, dez. 2015. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/gal/n30/1982-2553-gal-30-0099.pdf>>. Acesso em 1 ago. 2017.

SANTOS, B. F. Os números da violência contra mulheres no Brasil. **Exame online**, 2017. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/os-numeros-da-violencia-contra-mulheres-no-brasil/>. Acesso em: 12 set. 2017.

SILVA, A. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

TEIXEIRA, F. N. Peça didática, experiência e choque: o fragmento fazer como nova forma de narrar. In: SIMPÓSIO DA INTERNATIONAL BRECHT SOCIETY; 2013, Rio Grande do Sul. **Anais...** 2014. P. 1-15. Disponível em: < https://www.ufrgs.br/ppgac/wp-content/uploads/2013/10/Pe%C3%A7a-did%C3%A1tica-experi%C3%A2ncia-e-choque_-o-fragmento-Fatzer-como-nova-forma-de-narrar.pdf>. Acesso em: 03 set. 2017

TRANQUILIN-SILVA, J. de F. O ativismo digital de Lorelay Fox: estética e performance de gênero. **Comunicação Mídia Consumo**, São Paulo, v. 14, n. 40, p. 25-44, maio/ago. 2017. Disponível em: < http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/1316/pdf_1 >. Acesso em 02 ago. 2017.

TRANQUILIN-SILVA, J. de F. Corpos falantes e rostos (in)visíveis: corpo, sexualidade e feminismo em “Moça, você é machista”. **Rumores**, São Paulo, v. 10, n. 20, p. 234 a 255, jul./dez. 2016.

TRANQUILIN-SILVA, J. de F. Sou santa, sou puta, sou filha da luta. IN: COMUNICON, 2015, São Paulo. **Anais...** São Paulo: PPGCOM/ESPM, 2015. p. 1-15. Disponível em:< http://anais-comunicon2015.espm.br/GTs/GT5/22_GT5_TRANQUILIN-SILVA_.pdf >. Acesso em: 02 set. 2017.

TRANSVYADAJI. **Sobre Transvyadaji.**, 2017. Informações postadas pelo autor em página oficial no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/transvyadaji/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 25 set. 2017.

VIEIRA, H. Da censura à medicalização: a cadela do fascismo segue viva. **Ssexbbo**. 2017. Disponível em: < <http://www.ssexbbo.com/2017/09/da-censura-medicalizacao/> >. Acesso em: 29 set. 2017.